



VII^E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS “BRASILIANISTAS”

Brasil-França-Estados Unidos: novos olhares, novas perspectivas

École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) –
Brown University – Universidade de São Paulo (USP)

Biblioteca Brasiliana Mindlin, USP
8-9 de junho de 2016

Comitê científico e de organização

James N. Green (Brown University), Nelson Schapochnik (USP),
Mônica Raisa Schpun (CRBC-EHESS/Mondes américains).

RESUMOS

MESA 1: Lévi-Strauss: entre França, Brasil e Estados Unidos

As cidades de Lévi-Strauss

Fernanda Arêas Peixoto (USP)

A experiência de Lévi-Strauss no Brasil (1935-1938), embora curta, está na origem da formação do americanista, bem o sabemos. As pesquisas de campo realizadas junto às sociedades indígenas neste período, mesmo breves, mostram-se decisivas para a sua conversão à etnologia e para a obra futura, que tem nelas um ponto de partida, sistematicamente retomado. Menos do que voltar a essa história já muitas vezes tratada (também por mim), trata-se de recuperar aqui a experiência de Lévi-Strauss na cidade de São Paulo; cidade na qual viveu e trabalhou, e sobre a qual pensou, em seus cursos na universidade (no interior dos quais propõe aos alunos etnografias dos bairros, ruas e modos de vida); em pesquisas realizadas no interior da Sociedade de Etnografia e Folclore (que focalizavam sobretudo os arrabaldes urbanos); em imagens fotográficas (*Saudades de São Paulo*), ou em certos escritos (“O cubismo e a vida cotidiana”, 1935 e *Tristes trópicos*, 1955, por exemplo). Esses materiais permitem antevermos, de saída, a projeção de uma “estética de São Paulo”, algo na surdina, e muito distinta daquela explicitamente elaborada por Roger Bastide (“Estética de São Paulo I, II e III”, 1944), que chega à cidade logo depois, substituindo o colega na cadeira de sociologia da USP. Além disso, a experiência em São Paulo, sua leitura da cidade (e de outras que ele visita ao longo da estada brasileira), abre-se na direção de uma reflexão mais ampla sobre a cidade americana que encontra desdobramentos no ensaio “Nova lorque pós e pré-figurativa”, debruçado sobre a experiência imediatamente posterior do autor

nos Estados Unidos. Se o interesse pelas cidades é reafirmado pelo próprio Lévi-Strauss que o explica, na Introdução à *Saudades de São Paulo*, em função da perspectiva estruturalista e do ângulo morfológico por ela privilegiado (“a cidade é antes de tudo um espaço”, diz ele), gostaria de sugerir que a observação das cidades americanas – São Paulo, Nova Iorque, mas também Chicago – leva a reflexão do intérprete a interpelar uma reflexão sobre o tempo e a esboçar uma biografia (história?) das cidades: seu nascimento, crescimento e morte; apogeu e decadência. Ponto que nos reconduz, de outro ângulo, ao repetido tema, e algumas vezes mal interpretado sobretudo por alguns leitores no Brasil, dos “trópicos decaídos”.

Fernanda Arêas Peixoto é Professora (livre-docente) da Universidade de São Paulo, com pesquisas na área da teoria, história e método da antropologia, e ênfase nas relações entre antropologia e literatura, antropologia e história, cultura e imaginário urbanos, antropologia dos saberes e das artes. Realizou pós-doutorado na EHESS (2006-07), como bolsista CAPES. Foi professor visitante no IHEAL/ Paris 3, cátedra Simon Bolívar (2010). É líder do grupo de pesquisa CNPq Coletivo ASA. artes, saberes e antropologia (www.coletivoasa.net) e membro do grupo de pesquisa CNPq, Religião, arte, materialidade, espaço público.

Políticas do campo de pesquisa. Museus, espaços de saber nacionais e interações etnográficas
Benoît de l’Estoile (ENS/EHESS)

Claude Lévi-Strauss a fait dans *Tristes Tropiques* le récit de ses expéditions dans le Brésil central. On se propose de revenir sur les aspects politiques, généralement gommés, de ces événements devenus fameux. Il s’agit de restituer l’élaboration et le déroulement de ces expéditions dans le contexte d’une double construction d’espaces nationaux savants, en France et au Brésil, notamment marqués par deux musées: le musée d’ethnographie du Trocadéro, et le Musée de l’Homme à Paris, le Musée national dans la capitale brésilienne, à Rio de Janeiro. Pendant les expéditions, l’ethnographie est pratiquée dans le contexte d’interactions complexes entre des mondes indigènes en voie d’englobement et une « société nationale » en processus d’expansion.

*Benoît de l’Estoile est directeur de recherche au CNRS (Centre Maurice Halbwachs, UMR 8095, CNRS-EHESS-ENS) et professeur attaché en anthropologie à l’École normale supérieure, Paris, (département de sciences sociales), depuis 2015. Il est aussi co-directeur du master PDI, Pratiques de l’Interdisciplinarité dans les sciences sociales (EHESS-ENS), coordinateur de l’Atelier du Labex TEPSIS « Personnalisation du lien politique : approches comparatives » (avec Jean-Louis Briquet), 2014-2016 et coordinateur du projet CAPES-COFECUB, Modes de gouvernement et pratiques économiques ordinaires, Université fédérale de Rio de Janeiro, Université Fédérale Fluminense, IRIS, CMH (avec Federico Neiburg), 2013-2016. Il a notamment publié *Le goût des autres. De l’exposition coloniale aux arts premiers*, Flammarion, 2007 (nouvelle édition révisée, Flammarion, 2010) et *Ocupações de terra e transformações sociais* (dir., avec Lygia Sigaud), Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006).*

MESA 2: Categorias identitárias e raciais: ação do Estado, práticas de negociação e as ciências sociais

A cor da fé: “identidade negra” e religião
Rosenilton Silva de Oliveira (USP/EHESS)

O objetivo desta comunicação é investigar os modos pelos quais, nas duas últimas décadas, os discursos que se utilizam de referenciais étnicos ou raciais vem sendo operacionalizados por alguns segmentos religiosos (protestantismo, catolicismo e candomblé) representados neste trabalho por lideranças engajadas na promoção de atividades que ressaltam diferenças raciais ou étnicas entre os fiéis e articulam, junto às instituições políticas e religiosas, tratamentos

diferenciados, com vistas à efetivação de estratégias religiosas e político-sociais. Os agentes religiosos em questão disputam pela autoridade em definir a “identidade negra” a partir de seus pressupostos doutrinários. Dessa forma, buscam angariar capital simbólico, para associar sua membresia ao segmento negro e, ao mesmo tempo, ter legitimidade em enunciar um discurso na esfera pública acerca das políticas étnico-raciais, uma vez que seriam as religiões às quais pertencem também articuladoras na construção da “negritude”. As lideranças religiosas pré-selecionadas fazem parte de instituições que articulam ações políticas e religiosas como a Aliança de Negros e Negras Evangélicos do Brasil (ANNEB), a Pastoral Afro-brasileira, o Núcleo de Diálogo Trilateral Candomblé-Católico-Umbanda (DCCU) e o Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira (INTECAB). Categorias como “negritude”, “identidade negra” e “cultura negra” serão utilizadas como “nativas” e problematizadas. Assim, pretende-se mapear as disputas políticas e religiosas que se dão em torno desse tema, no interior dos seus campos e na relação deles entre si.

Rosenilton Silva de Oliveira é doutorando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo e na École des hautes études en sciences sociales (Paris) com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Mestre em Antropologia Social pela USP, é pesquisador do Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras (CERNe-USP), do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (Lab/NAU/USP) e do Institut des Mondes Africains (IMAf-EHESS, Paris). Foi professor convidado de antropologia na Universidad de Salamanca (Salamanca-Espanha, 2013). Integra a comissão editorial da revista PONTO.URBE. Atualmente desenvolve pesquisa sobre identidade, religião e políticas públicas com recorte étnico racial.

Enunciar uma “identidade” para sair da invisibilidade: a circulação das populações entre as categorias legais (Brasil)

Véronique Boyer (CNRS-EHESS)

À partir d’une étude de cas en Amazonie brésilienne, l’article traite d’un processus de bifurcation identitaire au sein de populations rurales qui se percevaient dix ans plus tôt comme semblables. L’examen de la construction et des registres des énoncés « indiens » et *quilombolas* met en évidence des logiques communes d’ajustement aux catégories légales, ainsi que des valeurs, références et attentes partagées. Dans ce que l’on peut dès lors considérer comme une même formation sociale, domine une conception de l’ethnicité comme exercice d’un droit constitutionnel et choix personnel qui autorise les repositionnements et la circulation entre les catégories ethniques, celle-ci étant cependant contrainte, d’une part, par les rapports de force locaux et, d’autre part, par le cadre juridique imposé par l’État.

Véronique Boyer, directrice de recherche au CNRS, a travaillé sur les cultes de possession afro-brésiliens en Amazonie, en s’interrogeant sur les pratiques sociales et les représentations de la société qu’ils tentent de formaliser (Femmes et cultes de possession : les compagnons invisibles, Paris, L’Harmattan, 1993). Elle a ensuite mené une enquête sur les églises évangéliques dans la même région, en soulignant les enjeux locaux qui mobilisent les individus, pour dégager les dynamiques présidant à leur implantation (La renaissance des perdants: Évangéliques, évangélistes et migrations en Amazonie brésilienne, Paris, IRD-Karthala, 2008). Tout en poursuivant ses recherches sur les effets sociaux des catégorisations ethno-légales (quilombola, indien, populations traditionnelles), à partir de différents études de cas en Amazonie brésilienne, elle s’intéresse à présent aux transformations de fêtes catholiques.

A teoria econômica da discriminação e das relações raciais e suas implicações para o caso brasileiro

Marcelo Paixão (University of Texas, Austin)

Atualmente existe uma razoável tradição, especialmente nos EUA, de estudos sobre o tema da discriminação racial proveniente das Ciências Econômicas. Seja em termos teóricos, seja em sua dimensão quantitativa. No plano da teoria se destacam a teoria da *discriminação econômica* e a da *discriminação estatística*. No plano estatístico o modelo mais utilizado é a técnica de decomposição de Oaxaca-Blinder. A apresentação procurará mostrar os fundamentos de cada uma destas contribuições, bem como estabelecer um contraste entre estas e a forma como o problema da discriminação racial vem sendo tratado nas ciências sociais brasileiras. Assim se buscará revelar as respectivas potencialidades e limites para o entendimento do modelo nacional de relações raciais e seus efeitos para o estudo das assimetrias desta natureza no Brasil.

Marcelo Paixão é Professor Associado da Universidade do Texas (Austin), onde desenvolve atividades de ensino e pesquisa junto ao African and African Diaspora Studies e ao Teresa Lozano Long Institute for Latin American Studies. Foi professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 1999 e 2015 onde foi Diretor do curso de Ciências Econômicas (2005-2009) e membro do Conselho Universitário (2009-2012), condição na qual apresentou a proposta de adoção de políticas de ação afirmativa naquela universidade. Coordenou ainda o Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (LAESER), uma referência nacional no monitoramento de indicadores sociais sobre as desigualdades raciais brasileiras. Publicou, entre outros, A Dialética do Bom Aluno; relações raciais e o sistema educacional brasileiro (FGV, 2009); 500 Anos de Solidão: estudos sobre as desigualdades raciais no Brasil (Appris, 2013); A Lenda da Modernidade Encantada: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre relações raciais e projeto de Estado-Nação (CRV, 2015).

MESA 3: A cultura do impresso: edição, mediação e circulação

Caminhos do romance inglês no Brasil do século XIX

Sandra Guardini T. Vasconcelos (USP)

O processo de formação e ascensão do romance ocorreu na Europa antes que o Brasil se tornasse uma nação independente. Contudo, mesmo antes de 1822 era possível encontrar romances na América Portuguesa, apesar de todos os obstáculos estruturais que dificultaram a circulação de livros no país, notadamente a inexistência de prensas, a censura prévia e o número reduzido de livrarias. Pelo menos desde a segunda metade do século XVIII, eles atravessaram o Atlântico e puderam ser lidos para a “instrução” e o “deleite” daqueles que os apreciavam. Com a instalação da Corte portuguesa na recente capital da colônia e a transformação do Rio de Janeiro primeiro em sede do Vice-Reino e, posteriormente, do Primeiro Império, assistimos a investimentos na urbanização da cidade e a campanhas de aprimoramento dos costumes e das normas de conduta, com o claro desígnio de formar o povo e construir uma cultura nacional. São as letras que irão assumir um papel central nessa verdadeira marcha civilizadora e no projeto de construção de uma consciência da nacionalidade, com a ajuda das revistas literárias, dos periódicos e da prosa de ficção que começava a ser produzida no país. Com a chegada da Família Real e a abertura dos portos em 1808, o Brasil foi se integrando lentamente no circuito literário e passou a ser destino dos romances europeus, nos seus mais diferentes suportes (livros, periódicos, revistas). Enquanto o Rio de Janeiro foi, na maioria dos casos, um porto de chegada e um importante centro irradiador, os romances também chegaram ao longo de todo o século XIX, por vias diversas, aos lugares mais distantes do centro. Um exame dos romances à disposição dos leitores brasileiros nessa época não revela apenas uma espécie de monopólio de autores como Walter Scott, Charles Dickens, Daniel Defoe e Eugène Sue, mas mostra também uma interessante diversidade de títulos e sub-gêneros novelísticos. Em outras palavras, os livreiros

enviaram para o Brasil um pouco de tudo: Richardson e Marivaux, Lesage e Sterne, Radcliffe e Paul de Kock, Charlotte Brontë e Chateaubriand, Bulwer-Lytton e Fénelon, Fielding e Dumas, para citar alguns dos nomes que aparecem com mais frequência nos anúncios dos jornais ou nos catálogos dos gabinetes de leitura desse período. Se dividiram espaço com os romances franceses nas estantes das livrarias e gabinetes de leitura, os romances ingleses deveram sua presença no Rio de Janeiro, em muitos casos, aos tradutores e aos livreiros franceses que foram importantes mediadores culturais nesse processo. Essa apresentação pretende contribuir para a história dos caminhos do romance inglês até o Brasil do século XIX.

Professora titular de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade de São Paulo. Autora de Puras Misturas (HUCITEC/FAPESP, 1997), Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII (Boitempo, 2002) e A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos (HUCITEC/FAPESP, 2007), que recebeu o Prêmio Jabuti 2008 na categoria Teoria/Crítica Literária. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: romance inglês, relações Inglaterra-Brasil no século XIX, romance brasileiro, Guimarães Rosa. Participou dos Projetos Temáticos FAPESP “Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX” (2004-2007) e “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” (2011-2015). Atualmente, coordena o Laboratório de Estudos do Romance e o projeto “Deslocamentos, descentramentos: romances sem fronteiras” (AP-R/SPRINT-FAPESP), desenvolvido com pesquisadores da Universidade de Warwick. É curadora do Fundo João Guimarães Rosa (IEB-USP) e pesquisadora 1A do CNPq.

Celebrações impressas: a Coleção do IV Centenário da cidade de São Paulo
Nelson Schapochnik (USP)

Esta comunicação explora uma dimensão ainda não estudada das efemérides relativas ao IV Centenário da cidade de São Paulo, a saber, a coleção chancelada e produzida pelo Serviço de Comemorações Culturais que culminou na publicação de onze títulos. A biblioteca ou coleção era composta por gêneros diversos, incluindo aí poesia, romance, teatro, ensaio histórico, dicionários, epistolografia. Importa sublinhar que muitos destes títulos não eram necessariamente inéditos, mas foram convertidos em um produto editorial encomendado para re-inventar e celebrar a identidade paulistana, por meio de concursos e indicações feitas pelos membros da consultoria técnica. Ao acompanhar os debates travados no âmbito da Comissão, a correspondência com os autores e os pareceres elaborados pelos membros que compunham o júri dos concursos, evidencia-se determinadas formas de gestão da memória, de exclusões sutis, de usos do passado e de formas bastante pragmáticas de articulação entre a tradição e a modernidade.

Nelson Schapochnik é professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Foi professor visitante na Universidade de Lisboa/Portugal (2004, 2006, 2008) e na Universidad de la Republica/Uruguai (2005, 2008, 2012). Pesquisador da história do livro, da leitura, da edição e das bibliotecas, foi bolsista de projeto temático FAPESP, da Fundação Calouste Gulbenkian e membro titular do Comitê Interdisciplinar de Pesquisa e Edição da Fundação Biblioteca Nacional. No momento, é o coordenador da linha de pesquisa “História e Historiografia da Educação” do PPG em Educação da FEUSP, é responsável pelo serviço educativo da Biblioteca Brasileira Mindlen (BBM/USP), é um dos coordenadores do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE-USP) e membro do Board of Directors da Society for the History of Authorship, Reading and Publishing (SHARP).

Relatos de viagem, livros em circulação: Franceses no Brasil e além

Neil F. Safier (Brown University)

A partir de uma análise geral da Brasiliana do acervo da Biblioteca John Carter Brown (Providence, EUA), esta comunicação propõe uma leitura da contribuição francesa à história do Brasil no que diz respeito aos viajantes franceses que percorreram o território brasileiro mas também outras regiões do globo terráqueo. Num ano que comemora os 250 anos da viagem de circunavegação do Louis-Antoine de Bougainville, que passou pelo Rio de Janeiro durante o seu percurso global (1766-1769), vale a pena destacar o papel do Brasil em viagens cuja metas geográficas eram outras, mas que mesmo assim contribuíram para o conhecimento europeu da América portuguesa.

Neil F. Safier, Beatrice and Julio Mario Santo Domingo Director and Librarian, the John Carter Brown Library, is Associate Professor of History, Brown University. He published Measuring the New World: Enlightenment Science and South America. Chicago: University of Chicago Press, 2008 (Spanish-language edition published as La medición del Nuevo Mundo: La ciencia de la Ilustración y América del Sur. Madrid: Marcial Pons, 2016). Winner of the 2009 Gilbert Chinard Prize from the Society for French Historical Studies and Institut Français d'Amérique and Short-listed/Finalist for the 2010 Pfizer Award from the History of Science Society.

MESA 4: Deslocamentos: arte e artistas entre França e Estados Unidos

Poéticas do “exílio artístico”

Daria Jaremtchuk (USP)

O deslocamento dos artistas brasileiros para o estrangeiro nas décadas de 1960 e 1970 tem na ditadura militar a sua causa mais reconhecida. No entanto, observando o campo das artes visuais é ainda possível identificar outros fatores que impulsionaram o fluxo naquele período. Nesse sentido, para a análise desse deslocamento o uso da expressão “exílio artístico” mostra-se mais apropriado, por envolver tanto a complexidade subjacente aos matizes histórico-políticos do exílio como a singularidade do meio das artes. Como fenômeno coletivo, não foi problematizado na história da arte brasileira e tampouco priorizado pelos artistas em suas respectivas biografias. Algo que pode ter obscurecido o caráter de exílio desses deslocamentos é o fato de que os artistas brasileiros sempre buscaram se aperfeiçoar no estrangeiro utilizando como principal meio as bolsas e os prêmios de viagens. Desse modo, quando pretenderam sair do país nas décadas de 1960 e 1970, grande parte deles recorreu a essas alternativas. Consequentemente, essa tradicional configuração teria acabado por esvanecer os contornos específicos do “exílio artístico”. Ou seja, se a situação política, as restrições provocadas pela censura e pelo controle e as dificuldades exclusivas do meio das artes motivaram o êxodo, foi sobretudo através dos prêmios, das bolsas e das viagens culturais que ele ocorreu. Grande parte desse contingente se dirigiu para os Estados Unidos, mais especificamente a Nova York. Naquele momento, a cidade era ainda nova na rota dos brasileiros. A opção ocorreu não apenas pelo protagonismo do lugar em relação às artes, mas por ações deliberadas levadas adiante por instituições norte-americanas. Isto é, houve um conjunto de “políticas de atração” responsáveis por colocar os Estados Unidos em evidência e chamar a atenção não apenas de artistas, mas de intelectuais, pesquisadores, professores e alunos universitários e facilitar o ingresso deles em instituições daquele país. Entre os principais propósitos das “políticas de atração” estaria a intenção de reverter a imagem negativa dos Estados Unidos na América Latina, assim como aumentar o seu campo de influências. Desse modo, a comunicação aqui proposta pretende discutir não apenas o fluxo desses artistas em direção ao “norte”, como ainda estabelecer contornos específicos para a poética que desenvolveram durante o “exílio artístico”.

Daria Jaremtchuk é professora de Arte, Literatura e Cultura no Brasil e de História das Artes na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Colaboradora do

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade (ECA/USP), onde orienta teses sobre arte contemporânea. Atualmente, é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi selecionada para o Programa Ano Sabático do Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP). Em 2011 fez estágio de pós-doutoramento na Brown University e em 2006 na Universidad Complutense de Madrid. Foi também professora Visitante no Magister Universitario en Teoría y Práctica de las Artes Plásticas Contemporáneas. Facultad de Bellas Artes, no Departamento de Pintura da Universidad Complutense de Madrid (UCM), Espanha, em junho de 2009.

Em busca dos múltiplos modernos: artistas brasileiros em Paris, anos 1920

Ana Paula Cavalcanti Simioni (USP)

Na história da história da arte brasileira a passagem de pintores e escultores “nativos” pelos centros artísticos estrangeiros, especialmente a Paris dos anos de 1920, ocupa um lugar privilegiado. Tais momentos são, usualmente, apontados como os viabilizadores das transformações da arte brasileira rumo ao “moderno”. Essa apresentação tenciona problematizar tais narrativas em 3 sentidos. Primeiramente, por seu caráter teleológico, de um modo geral elas tendem a eleger momentos de ruptura, os quais funcionam como marcos iniciais de movimentos que, supostamente, inauguram uma história que se edifica por meio de um sentido progressivo e unívoco. O segundo ponto decorre do primeiro, nessas narrativas estabilizadoras, aquelas obras, artistas, escolas e movimentos não caudatários das práticas tidas como emblemáticas desse percurso evolutivo idealizado, tendem a ser ignorados, descartados, ou considerados como ultrapassados, desviantes, anacrônicos. Todas as experiências distintas do “tempo dos modernos” são, assim, consideradas “fora do tempo”, excrescências que não merecem ser incluídas nesses discursos dedicados a narrar – e inventar – uma epopeia para a arte moderna brasileira. Para tanto, pretendemos recuperar, ainda que brevemente, as múltiplas possibilidades de ensino e práticas artísticas disponíveis na Paris dos anos de 1920, as quais estão presentes na heterogeneidade demonstrada pelas trajetórias de brasileiros lá presentes nesse momento. E, finalmente, o terceiro ponto diz respeito à relação entre centro x periferia que perpassa tais narrativas; nessas, os alunos estrangeiros são considerados como discípulos “influenciados” por seus mestres, portanto esteticamente “menos criativos”, historicamente atrasados e, no limite, hierarquicamente inferiores. No entanto, estudos mais recentes, têm demonstrado o quanto as ditas “periferias” foram fundamentais para a própria dinâmica que envolvia as disputas entre as vanguardas na capital artística de então, Paris, nos levando a repensar tais esquemas analíticos.

Ana Paula Cavalcanti Simioni é docente do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Doutora em Sociologia pela USP, com estágio sandwich junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales. Orientadora credenciada junto ao programa “Culturas e Identidades Brasileiras” da USP e colaboradora do programa de pós-graduação em “Estética e História da Arte” (MAC-USP). É também pesquisadora associada do EFISAL-CRAL (EHESS). Foi professora convidada na UNAM (Mexico) e na École Normale Supérieure (Paris, França). Desenvolve pesquisas, publicações e curadorias no campo da sociologia da arte, em especial nos seguintes temas: arte e gênero; mecenato e colecionismo no Brasil; modernismo brasileiro.

Arte latino-americana como arte global: uma análise da exposição “Modernités Plurielles”

Camila Maroja (Brown University)

Em outubro de 2013, o Centro Pompidou em Paris inaugurou a mostra “Modernités Plurielles de 1905 à 1970” organizada pela curadora Catherine Grenier. Anunciada como a primeira exposição de arte global do Pompidou, “Modernités Plurielles” abarcava 400 artistas de 47 países. Para a curadora, tratava-se de uma “exposição-manifesto” estabelecendo uma narrativa da arte mundial; nas palavras do presidente da instituição, Alain Seban, a mostra tornava a coleção do centro “universal”. Para se atingir esse *status* “mundial/universal”, era necessário a inclusão de obras do chamado sul global, junto ao acervo canônico do Pompidou. Assim, a exposição contava com trabalhos de artistas latino-americanos, incluindo os brasileiros Tarsila do Amaral e Vicente do Rego Monteiro situados na seção “antropofagia”, e Candido Portinari na seção “indigenismo”. Todas as obras apresentadas pertenciam aos acervos de museus franceses e a maioria nunca havia sido exibida na França. Ao invés de tornar o acervo do Pompidou “universal”, a mostra explicitava o descaso da França com a arte não-européia. Nessa comunicação, proponho analisar a narrativa criada por “Modernités Plurielles”, concentrando-me na participação latino-americana. Paralelamente, eu mapeio o recente impulso em direção à globalização de instituições na Europa e nos Estados Unidos. Ao comparar a iniciativa do Pompidou com os recentes programas do Museu de Arte Moderna em Nova York e do Guggenheim, examino como essas instituições estão construindo o que denominamos de arte global, questionando os prós e contras de se exibir arte latino-americana como parte integrante dessa narrativa.

Camila Maroja is an art historian and visual culture theorist specializing in modern and contemporary art with an emphasis on Latin America. Originally from Brazil, she is currently a Postdoctoral Fellow in International Humanities at Brown University, teaching at the Department of Art History and Architecture.

MESA 5: São Paulo, história e vida urbana

Novas tecnologias e saber histórico: experiências com a cidade de São Paulo

Luís Ferla (Unifesp)

O impacto das novas tecnologias digitais no trabalho do historiador é tema profícuo e polissêmico. A extraordinária disponibilização *on-line* de textos, documentos e acervos históricos inteiros é apenas uma de suas expressões, ainda que das mais fundamentais. Dentre as diversas abordagens pertinentes, é igualmente significativa a ampliação formidável das possibilidades do trabalho colaborativo. A articulação do desenvolvimento da chamada *web 2.0* e das tecnologias livres constitui o cenário que melhor o favorece. Aquela transformou a internet em via de mão dupla, democratizando o *upload* e a intervenção do usuário, em face do seu contraponto mais tradicional, o *download* e a atitude mais passiva da mera consulta. Por sua vez, a disseminação das alternativas de código aberto e de livre acesso, no que se refere ao mundo dos aplicativos e das programações, aprofunda a referida democratização do uso das novas tecnologias, o que é também facilitado pela queda dramática do custo das infraestruturas de *hardware* necessárias. Para dar maior concretude empírica a tais reflexões de caráter genérico, e também para fornecer-lhes uma matização mais equilibrada que envolva os desafios implicados, a comunicação ora proposta pretende discutir algo das aventuras exploratórias do grupo de pesquisas que o autor coordena, o Hímaco (História, Mapas e Computadores), uma iniciativa conjunta entre o Departamento de História da Unifeso e do Núcleo de Acervo Cartográfico do Arquivo Público de São Paulo. O Hímaco tem o objetivo, justamente, de experimentar as possibilidades das novas tecnologias no trabalho do historiador e de refletir sobre elas. Mais precisamente, o grupo tem feito uso de Sistemas de Informações Geográficas em investigações que envolvem a cidade de São Paulo no período correspondente a sua transformação em metrópole industrial (fins do

século XIX e inícios do XX). De 2012 a 2015, desenvolveu um projeto que mapeou as duas maiores enchentes da cidade naquele período. Atualmente, e a partir do mesmo recorte espaço-temporal, o grupo trabalha na configuração de projeto dedicado a um mapeamento colaborativo da história da cidade. Portanto, há que se admitir, não estaria mal se a apresentação ao fim se confundisse com um convite.

Luís Ferla é Professor do curso de graduação e do programa de pós-graduação do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos. Tem experiência em docência e pesquisa na área de História, com ênfase em História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: fenômenos da modernidade, história da ciência, história do corpo e história da cidade. Atualmente, desenvolve pesquisas voltadas à utilização de novas tecnologias digitais no trabalho do historiador, especialmente aquelas relacionadas com o geoprocessamento (SIG histórico). É autor do livro Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia do biodeterminismo em São Paulo (Editora Alameda, 2009).

A Produção dos Espaços Étnicos na Cidade de São Paulo, 1937-1974

Andrew Graham Britt (Emory University)

Na cidade de São Paulo nos anos 50 havia uma rua chamada “Estrada do Congo” que ligava o centro da cidade aos crescentes assentamentos ao norte do Rio Tietê. Muitas das pessoas que se estabeleciam nestes lugares eram migrantes, alguns do interior do estado ou do centro velho da cidade, outros do nordeste do país. Um destes assentamentos, nomeado Vila da Brasilândia, começou em 1947 por um processo de loteamento e auto-construção. Embora a “Estrada do Congo” mudasse de nome nos anos seguintes, os espaços em volta da estrada, inclusive a Vila Brasilândia, continuaram associados com culturas negras e/ou nordestinas. A proposta deste projeto é examinar a formação de lugares como Brasilândia para entender a produção material e cultural de espaços étnicos na cidade de São Paulo. A história da produção desse espaço periférico (Brasilândia) revela conexões surpreendentes ao desenvolvimento de outros dois bairros mais centrais: a Liberdade e o Bexiga. Por muitos anos no começo do século XX, eles foram dois dos centros de populações de ex-escravos e não-brancos. Entretanto, nos anos 70 a Liberdade era bem conhecida como um espaço “típico” oriental ou japonês e o Bexiga um espaço “típico” italiano. Estas associações não surgiram só por causa da migração das populações italianas e japonesas para estes lugares, mas também por projetos espaciais e ideológicos que visavam construir, materialmente e simbolicamente, espaços ligados a estas identidades. Conectando historicamente estes três lugares, a minha pesquisa revela os diversos fatores e atores que determinaram a produção de espaços étnicos na cidade de São Paulo no meio do século XX. O trabalho combina metodologias diversas, incluindo entrevistas, documentos institucionais sobre o desenvolvimento urbano, e o mapeamento das mudanças no ambiente construído e das migrações locais.

Andrew Graham Britt dissertation examines the making of space and race/ethnicity in three prominent neighborhoods in the heart of Brazil’s multicultural megalopolis. The project combines conventional archival approaches with less common methods, such as historical GIS. His training and research have been supported by a FLAS grant from the U.S. Department of Education, the Brazilian Studies Association’s Brazil Initiation Scholarship, Emory University’s Professional Development Support Funds, a Social Science Research Council Mellon International Dissertation Research Fellowship, and a Fulbright-Hays Doctoral Dissertation Research Abroad Fellowship.

Os ateliês de confecção em São Paulo: uma história metropolitana

Sylvain Souchaud (IRD-URMIS/Paris 7)

La présence des ateliers de confection à São Paulo est un fait surprenant après plusieurs décennies de décentralisation industrielle et de désindustrialisation. Pour conserver une présence en ville, au cours des années 1980-1990, l'industrie de la confection s'est restructurée autour des ateliers d'immigrants, identiques aux *small immigrants firms* décrites par Roger Waldinger. Dans ces petites unités de production, la main-d'œuvre, comme les patrons, sont en majorité des migrants venus de Bolivie et du Paraguay. Dans les dernières décennies, l'atelier de confection a consolidé son ancrage dans la ville de São Paulo est devenu un objet de l'environnement métropolitain, essaimant dans différents quartiers de la métropole (RMSP), à partir du centre du municípe de São Paulo. Notre objectif est de montrer que l'atelier de confection est un objet urbain, métropolitain, qu'il se définit dans ses interactions avec l'environnement urbain. Dans un premier temps, nous rappellerons les étapes de sa formation et ses évolutions, depuis les années 1900-1920 jusqu'au années 1980. Nous détaillerons ensuite le principe organisationnel de l'atelier, qui le plus souvent associe un lieu de travail et un lieu résidence. Puis, nous envisagerons des aspects de son insertion dans l'espace urbain, notamment son rapport au bâti et sa distribution géographique, des quartiers centraux aux marges périphériques. Enfin, nous verrons comment ces interactions avec l'espace urbain définissent le niveau d'informalité et de précarité de ces unités. Elles révèlent aussi des éléments du projet entrepreneurial et des trajectoires migratoires des individus qui dirigent les ateliers.

Sylvain Souchaud est géographe, Chargé de recherche à l'Institut de recherche pour le développement (IRD) et membre de l'Unité de recherches «Migrations et Sociétés» (URMIS), Université Denis Diderot Paris 7. Il est coordinateur du projet international Trame : « Transition métropolitaine et centralités dans les villes brésiliennes dans la première moitié du 20^e siècle. São Paulo – Rio de Janeiro », IRD, Paris 7, FAU-USP. Il a notamment publié Geografia de la migración brasileña en Paraguay (Asunción, UNFPA-ADEPO, 2007), traduction de Pionniers brésiliens au Paraguay (Paris, Karthala, 2002) et Volvey, Anne, Amilhat-Szary, Anne-Laure, Perrier-Bruslé, Laetitia, Souchaud, Sylvain & Sierra, Philippe, L'Amérique latine, Paris, Atlande, 2006.

O Jardim da Luz como espaço de sociabilidade paulistana na Primeira República

Mônica Raisa Schpun (CRBC-EHESS/Mondes américains)

O jardim da Luz é o mais antigo espaço verde de São Paulo. No final do século XIX, o jardim torna-se uma verdadeira porta de entrada da cidade, com a Estação da Luz dentro de seus limites. É por ali que chegam as ondas sucessivas de imigrantes (portugueses, italianos, judeus, sirios, libaneses, etc.) que se instalam, também, nos bairros limítrofes. Abordarei, assim, esse espaço de lazer e de sociabilidade urbana frequentado por diferentes camadas sociais, sobretudo durante a Primeira República, momento privilegiado da vida do jardim.

Mônica Raisa Schpun, pesquisadora do Centre de recherches sur le Brésil colonial et contemporain (CRBC/Mondes américains – EHESS, Paris), é historiadora (livre-docente), diretora editorial de Brasil(s). Sciences humaines et sociales (bresils.revues.org). Suas pesquisas tratam da imigração judaica e japonesa no Brasil da Era Vargas (1930-1945). Membro do projeto internacional IdEx (Initiative d'excellence) "Du 'monde en miniature' au 'jardin planétaire': imaginer, vivre et (re)créer le jardin des mondes anciens à nos jours", interessa-se atualmente pelo Jardim da Luz enquanto espaço de sociabilidade imigrante em São Paulo (fim do século XIX – início do XX). Publicou, notadamente, Justa. Aracy de Carvalho e o resgate de judeus: trocando a Alemanha nazista pelo Brasil (Civilização Brasileira, 2011); Tsiganes Brasil(s). Sciences humaines et sociales 2, nov. 2012 (org., com Marc Bordigoni); Migrações e dinâmicas urbanas: Brasil – França, séculos XIX-XXI (org., com Laurette Wittner), e-book, Alameda, no prelo, 2016.

MESA 6: Novas histórias sobre a ditadura militar

Vlado, a Ditadura Militar e os judeus do Brasil: Uma História a ser Escrita

Michel Gherman (UFRJ)

Pode-se afirmar que o dia 25 de outubro de 1975 marca uma das páginas mais tristes da história do Brasil. Nesta data Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo havia comparecido às dependências do DOI-COD, de onde ele somente sairia morto. Ao que tudo indica, Vlado, como era conhecido, não resistiu a uma sessão de torturas. Como resultado, os órgãos da repressão forjaram o suicídio do famoso jornalista. O que se seguiu nos dias posteriores foi a pressão da família e de alguns setores da comunidade judaica para que Vlado não fosse enterrado no setor dos suicidas (conforme manda a tradição judaica). Em contrapartida, os órgãos da repressão tentavam convencer outros setores da comunidade judaica a colaborar com a farsa do suicídio. Para além da importância nacional do caso, a morte do jornalista Herzog possibilita um debate mais local e restrito. Aqui, a ideia de que a comunidade judaica se divide entre colaboradores de um regime agonizante e entre setores que enfrentam esse mesmo regime, pode abrir espaço para compreensão das posições dos judeus brasileiros frente ao regime militar. De fato, Herzog não foi a única vítima judaica a morrer sob tortura e sequer foi o único caso polêmico no que diz respeito a formas de enterro. Em realidade, o caso Herzog pode abrir séria reflexão a respeito das relações construídas entre o regime militar e as várias comunidades de minorias religiosas no Brasil. Da mesma forma, pretendemos utilizar o caso Herzog para entender como se dava toda uma complexa rede de relações entre comunidade judaica e o regime militar. Em primeiro lugar cabe questionar que setores desta comunidade defendiam o regime e sob que circunstâncias esse apoio podia ser demonstrado. Em segundo lugar pretendo discutir como determinados grupos de judeus enfrentavam a ditadura militar. Por fim, pretendo analisar como eram as relações políticas entre esses dois setores, que acabavam por ter, entre si, relações familiares e sociais.

Michel Gherman é historiador, bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD), vinculado ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e co-coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos na mesma Universidade.

Breve manual para a criação de um Estado policial... ou como a ditadura brasileira profissionalizou a repressão política

Maud Chirio (Marne la Vallée) & Mariana Joffily (UDESC)

O golpe de Estado de 1964 não inaugurou, no Brasil, práticas de inteligência, de repressão política e de violência policial. Contudo, essa fase da guerra fria – contemporânea de lutas de descolonização na África e na Ásia – viu surgir no Ocidente novas teorias e técnicas de luta contra a subversão: espionagem, infiltração, propaganda e contrapropaganda, uso sistemático e controlado na tortura física e psicológica. O poder ditatorial brasileiro abraçou essa “modernização” da informação e da repressão política e, pouco tempo após o golpe, preocupou-se com a criação de novos órgãos e a formação de um pessoal tecnicamente preparado para implementá-la. Esse segundo aspecto – o lado “humano” da profissionalização da repressão – continua hoje em larga medida desconhecido, pela dificuldade de acesso a arquivos das forças armadas e policiais. Nossa apresentação pretende explorar como foi efetuada a seleção e o treinamento, em instituições nacionais e estrangeiras, de dezenas de militares destinados a compor o coração de um novo Estado policial.

Maud Chirio est historienne, Maître de conférences à l'Université de Paris-Est Marne-la-Vallée, membre du laboratoire ACP (EA 3350) et membre associée de Mondes Américains. Elle est en 2015-2016 accueillie en délégation CNRS au CRBC. Ancienne élève de l'ENS (Paris) et agrégée d'histoire, elle a soutenu en 2009 son doctorat d'histoire dont une version a été publiée en 2012 au

Brésil (A política nos quartéis. Revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira, Rio de Janeiro, Zahar). Sa publication aux États-Unis (grâce à l'obtention du Prix Thomas Skidmore des Archives Nationales brésiliennes, en 2013) et en France est en cours.

Mariana Joffily é professora adjunta de História da América da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e atua como professora permanente no Programa de Pós Graduação em História da mesma universidade. Foi uma das vencedoras do Prêmio Memórias Reveladas de 2010, promovido pelo Arquivo Nacional. Membro da Comissão de Altos Estudos do Centro de Referência Memórias Reveladas, Arquivo Nacional (2014-2016). Tem experiência em pesquisa na área de História, com ênfase em História Contemporânea, História da América Contemporânea e História do Brasil República. Pesquisa principalmente os seguintes temas, relacionados à História do Tempo Presente: ditaduras no Cone Sul, repressão política, tortura, transição democrática. Atualmente desenvolve pós-doutorado na Brown University (bolsista CAPES/Fulbright).

Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel

James N. Green (Brown University)

Esta apresentação enfoca a vida de Herbert Daniel: estudante de medicina na Universidade Federal de Minas Gerais nos anos 1960, militante de várias organizações revolucionárias entre 1967 e 1971, participante nos sequestros dos embaixadores da Alemanha e da Suíça em 1970, membro do Comando Nacional da Vanguarda Popular Revolucionária, junto com Carlos Lamarca, exilado em Portugal e na França, candidato a deputado estadual no Rio de Janeiro em 1986 e fundador e ativista do movimento de pessoas com HIV/AIDS. Analisarei, especificamente, como Daniel lutou, no exílio e após seu retorno ao Brasil, contra os preconceitos das esquerdas sobre a homossexualidade, e colaborou com a transformação de atitudes sobre AIDS no país.

James N. Green is the Carlos Manuel de Céspedes Professor of Latin American History. He served as the Director of the Center for Latin American and Caribbean Studies at Brown University from 2005 to 2008. He is a past president of the Brazilian Studies Association (BRASA) and served as the President of the New England Council on Latin American Studies (NECLAS) in 2008 and 2009. He is currently the Director of Brown's Brazil Initiative; the Executive Director of the Brazilian Studies Association, housed at Brown; and the Director of the Opening the Archives Project.

 Biblioteca Brasileira Centro de Estudos Mindlin

 **tepsis**
Laboratoire d'Études
Transformation de l'état
politique des sociétés
institution du social

 **FAPESP**

 L'ECOLE
DES HAUTES
ETUDES
SCIENTIQUES

 **BROWN**

 **USP**